

PENNA, AGULHA E COLHER

Directora: Zenir Alcôa (C. postal 49)

SEMANARIO DE DONAS E DONZELLAS

Suplemento da "Epoca" (A. IX - N. 23)



Diario da Filha de Maria

O meu ideal

Tres palavras resumem o meu ideal—bello, attrahente, fecundo:

Inocencia;
Dever;
Dedicção.

Oh! brilha sempre na minha alma, palavras divinas que resumis a vida de meu Mestre Jesus, de minha Mãe Maria e dos santos, meus irmãos, vida essa que desejo com todas as forças de meu ser!...

O ideal dessa nobre alma deve ser o vosso, Filhas de Maria!

Uma aposta bem feita

COMEDIA EM 2 ACTOS

Adaptação de Edésia Aducci

PERSONAGENS

D. Francisca, dona do hotel. Rosa, sua sobrinha. Crescencia, cozinheira. Estudantes: Carmer, Judith, Emma, Leonor, Margarida; tres meninas menores; Florisbella Madresilva.

ACTO II

(A scena representa um jardim defronte do hotel «A'gança dourada», no qual se vêem mesinhas e cadeiras).

SCENA II

JUDITH—Não é encantador este jardim, menina?

EMMA—Sim! E' aqui, neste reino encantado, que passaremos as férias!... Hurrah! Sou quasi louca de alegria!

MARGARIDA—Caras amigas, estamos em paraíso em que só as mulheres fa-

zem figura! Olé! como não havemos de divertir-nos!

CARMEN—E sabeis quem dirige...

EMMA—(interrompendo) Ora si não havemos de sabel-o!

LEONOR—Quem sempre empunhou aqui o sceptro foi a mais extravagante e a mais rabugenta das donas de casa! segundo dizem.

JUDITH—Isto está mais que sabido, porque toda a gente dos arredores sabe que jamais um homem poz aqui o pé! (Sentam-se todas).

CARMEN—Olá, *garçon!*

LEONOR—Com certeza a hoteleira terá ainda uns dois ou tres quartos vazios, não?

JUDITH—Si não os tiver, dormiremos com as gallinhas! (Todas riem).

CARMEN—(recitando)

Silencio profundo

No reino da gança!

Ai! ai! que delicia,

Quando ella descança!

(Todas riem).

SCENA III

JUDITH—(batendo com o bastão na mesa) *Garçon! Garçon!*

EMMA—Este chalet não se parece com um verdadeiro reino de fadas? Ou será a minha sedenta phantasia que se illude achando-o tão encantador?

CARMEN—Sedenta phantasia! E's impagavel, Emma, com as tuas figuras e comparações!... Uma phantasia sedenta!... Sim minhas senhoras, é uma descoberta verdadeiramente phenomenal! (As outras riem)

LEONOR—E' um caso interessante para os nossos estudos!

PENNA, AGULHA E COLHER

— Publicação semanal —
Assinaturas

Anno 4\$000

Mez \$400

Pagamento adiantado

Quem obtiver 10 assignaturas annuaes pagas terá direito a uma gratuita.

A assignatura annual para os assignantes da «Época» custa 2\$000.

JUDITH — Mas onde estarão os habitantes desta casa, que não apparecem ?

CARMEN — *Garçon ! O' garçon !* (Ouve-se, dentro, a voz da hospedeira, que diz: Cala-te, rapariga !)

EMMA — Ouviram que voz harmoniosa ?

LEONOR — E' com certeza a bella voz da sympathica hospedeira !

JUDITH — ...que nos dá as boas vindas. (Ouve-se, dentro, a voz da hospedeira: Guide da panella, sua velha, e deixe-me em socego !)

(Todas riem)

CARMEN — Isto é contigo, Leonor !... (Rindo) *Sua velha !...*

(Ouve-se outra vez a voz da hospedeira: Não, senhora, não dou licença para ir á festa ! que não sou nenhuma tola ! Cale-se, portanto !)

JUDITH — Não errámos o caminho, não, companheiras ! E' mesmo aqui o hotel da celebre «Gança dourada», que ja está dando um ar de sua graça !

MARGARIDA — Mas si ao menos ella apparecesse...

TODAS (chamando) *Garçon ! ó garçon !*

SCENA IV

As precedentes e D. Francisca

D. FRANCISCA — (na porta) Que barulho é este aqui ?

CARMEN — *Garçon*, por que você não apparece ?

D. FRANCISCA — Si as Senhoritas têm saudades de um *garçon*, toquem-se daqui porque jamais um homem entrou na minha casa !

LEONOR — Já conhecemos os seus costumes, minha senhora, e é justamente o que procuramos: uma pensão em que sejamos servidas exclusivamente por senhoras !

D. FRANCISCA — Ah ! isto me agrada ! (Approximando-se mais e reparando bem em todas) Mas... si não querem *garçon* para o seu serviço, por que gritavam tanto pelo *garçon* ?

CARMEN — E' muito natural: queriamos ter a certeza de que n'«A gança dourada» não ha *garçon*.

D. FRANCISCA — Vocês são umas tolas, meniuas, pois isto já se vê olhando para o escudo ! Si em minha casa houvesse homens, ou si fosse algum homem aqui recebido, então estaria lá escripto: Ao pato, ao coelho ou ao rato dourado, e não «A' gança dourada» !... (Todas riem) Mas... que desejam as amaveis Senhoritas ?

JUDITH — Queriamos passar as férias aqui. Pode ser ? Tem alguns quartos desocupados ?

D. FRANCISCA — Então, menina ! Tres bellos quartinhos, donde se descortina o mais lindo panorama !

CARMEN — Muito bem ! Aqui ficaremos quatro semanas !

MARGARIDA — A madama pode mandar preparar-nos agora um bom almoço ?

D. FRANCISCA — Com muito prazer ; mas... não poderei saber quem são as Senhoritas ?

CARMEN — Moramos todas na Capital, e estudamos na Escola Normal.

D. FRANCISCA — (triste e espantada) Que ? ! as Senhoritas es... tu... dan ? ! Desde quando uma menina estuda ?

JUDITH — Como ? ! Então a Sra. ainda não sabe que, no futuro, só as mulheres estudarão, enquanto os homens ficam em casa...

CARMEN — (interrompendo)... para cozinhar...

EMMA — (idem)... e coser...

MARGARIDA — (idem)... e varrer a casa...

LEONOR — (idem)... e cuidar das crianças...

D. FRANCISCA — (idem) Que horror ! Chega ! chega ! Não me falem mais nos homens, por favor ! Vamos tratar do almoço, que é melhor !... Não querem, por enquanto, ir ver os seus quartos ?

TODAS — Sim, com muito gosto ! Vamos ! vamos !

(Saem todas)

DOMINIOS DA ÉSPHINGE

6º. TORNEIO CHARADISTICO

(Janeiro, Fevereiro e Março)

60—63) NOVISSIMAS

O infortunio deste administrador o torna criminoso—1, 2.

Nesta contracção elle percebeu a nau—1, 2

Tenho compaixão deste original presente—1, 3

Ao acaso da nota devo a dádiva—2, 1

Zulmira (Blumenau)

64—66) APHERESADAS

4—E' medroso este animal—2

5—Menina, pega esta vasilha—2

3—Nesta rocha dei um pulo—2

I. A.

Penna, Agulha e Colher

DIALOGO

A «Colher» está em scena batendo um doce, e a «Agulha» cosendo

Penna (entrando):
Estou radiante,
«Colher» muito amiga;
Trabalho não falta,
Gentil rapariga!

As caras patricias
Serviço me dão
Semana a semana.
E' bello! pois não!

(Senta-se e escreve)

Colher
A pobre da «Agulha»
Porém não é f'liz.
A *marcha da lista*
Bem claro isso diz!

Agulha
Não fale, collega,
Não seja ruim!
Chegar ha de o dia
Que falem de mim!

Vocês hão de ver
Então minha *pose*!
E nesse bom tempo
Não ha já quem ouse

Mofar da «Agulhinha»,
Catita e gentil,
Correndo, faceira,
Por todo o Brasil!

Colher
E o cobre, tolinha?
Donde é que elle vem?

Agulha
Ora essa! Das bolsas
De quem me quer bem!

Não temos então
Patricias gentis?!
Senhoras e moças...
Olá! por que ris?!

Colher
Da tua esperança
Sorrir é preciso,
Qu'emfim te convenças
E tomes juizo...

Agulha
Juizo bastante
Eu tenho, «Colher»!

Colher
Porém outro tanto
Aqui se requer!

Tu dizes que temos
Patricias gentis?
Bem poucas, por ora...
Verdade ou não? Diz?

Demais, a vaidade
E' sempre defeito!
Cuidado, portanto,
E fala com geito!

Penna
Que é isto, collegas?!
Deixemos de brigas!
E sempre sejamos
Irmãs muito amigas!

Agulha
Tambem, boa «Penna»,
Desejo, contente,
Socego, união
E paz permanente.

Porém eu não posso
Calar-me nesta hora,

E assim vou dizendo:
Escute, senhora.
(Virando-se para a Colher)

Si cresço, tu cresces;
Si paro, já vês!
Sonhando ventura,
Não é p'ra nós tres?!

Por que sou vaidosa?!
Acasó o dirás?

Colher
Perdôa, collega!
Façamos a paz!
(Abraçam-se)

Brigar não queria,
Porém te lembrar
Que é mau construir
Castellos no ar!

Penna
E' mau; mas tambem
'Sperar é preciso:
Conhece inda pouco
O nosso juizo.

E vós, ó leitoras,
(Assim Deus ô quer)
Olhai para a «Penna,
Agulha e Colher»!

Eunyce Dagmar

2) E. STANGEN

Sonho de outomno

(Traducção de Nora Sanfelice)

Klemens v. Proсны poz o violino de lado, e chegou-se á mesa.

«Todo o verão?» Sua voz soára como uma censura. «Já estamos no fim do verão, condessa Alwa.»

Ella estremeceu levemente; seu olhar pairou no espelho e viu seus cabellos brancos. Teve então um arrepio:

E o esbelto jovem que lhe está em frente é a primavera... Com olhar hirto, enigmatico, detêm-se seus olhos na cabeça loira.

Como elle é bonito!

Elle usa o cabelo curto, mas todo cacheado e crescido até á testa. Assim devia ser um dos bellos jovens gregos de que falam as tradições.

De novo estremece a condessa Alwa.

E baixo diz:

«Sim, já estamos no fim do estio, Klemens, tem razão!»

Depois que Klemens sahiu, ficou a condessa Orlaburg ainda por muito, muito tempo, na janella aberta. Ella viu o visitante afastar-se com rapidos passos, e pensára:

Tão esbelto! Tão jovem! E aquelle estremecimento accommetteu-a novamente. Seria possível que ella fosse uma mulher velha, bem velha? sem amor? sem felicidade?...

A condessa Alwa Orlaburg e Klemens v. Proсны estavam sentados no jardim da Villa, no

bello caramachão de «Mil bellezas», o lugarzinho predilecto da condessa.

Desse lugar segue um caminho ladeado de roseiras, o qual termina perto dos degraus que levam para o avarandado. E lá, na entrada do avarandado, como um quadro em moldura verde, prestes a descer os degraus, está um delgado corpo de menina.

Tem um pente doirado entre os cabellos espargidos graciosamente pelos hombros. Klemens v. Proсны olha admirado para aquella visão, como se visse uma fada dos contos infantis.

2) ANCILLA DOMINI

Um pretendente «sui generis»

II

No baile

Davam os Almeidas um saráu por semana, animado pela mais brilhante e selecta sociedade. Dansava-se muito.

Evelina fazia sempre das suas: exasperava as amigas, que depois de novo conquistava com suas meiguices.

Nessa noute, sete dias depois da travessura do doce em calda, muito se falava na brincadeira com o pobre roceiro. Os bajuladores dos donos da casa applaudiam a mais não poder a idéa da travessa e encantadora menina.

Evelina sentia-se a heroína do salão, o assumpto de todas as conversas...

—D. Evelina, tem par para esta valsa?—per.

Mesa com bolsa para trabalho



Esta mesa é feita de madeira pintada de vermelho escuro, tendo 70 cent. de altura; é guarnecida entre os quatro pés por uma bolsa para trabalho, de seda ou crepe da China, estampado em seda e ouro; os pés são reunidos a principio a uma altura de 20 cent. ao meio de um círculo de madeira. Corta-se para fazer a bolsa um pedaço de panno redondo, tendo 60 cent. de diametro, franze-se em volta e cose-se ao círculo; franze-se a parte inferior da bolsa que se guarnece com um laço de fita semelhante ao estofa e fita chamalote. Os pés da mesa são igualmente ornados de laços de fita. O tapete que cobre a mesa é feito de linho crú e ornado de um bordado executado com seda de cores vivas a ponto de haste e ponto de costura cruzado. Faz-se o desenho em um pedaço de baptista, tendo 58 cent. de lado e a 4 cent. de distancia da beira exterior; executa-se o bordado com diversas cores de seda, conforme o desenho; a ramage é feita a ponto de haste sempre da mesma cor das folhas. Contorna-se o desenho com seda terra cota muito escura. Depois dobra-se o panno pelo avesso passando até a beira interior do bordado, executando uma costura.



...nto um bello e sympathico rapaz de 26 ans presumiveis.

—Tenho, sim, mas não importa, prefiro dan- r com o Sr. Meu par que procure outra dama!

—Perdão! nesse caso retiro minha pretensão disse o moço, inclinando-se gracioso.

—Já disse que prefiro dançar com o Sr. pois Ir. Malheiros é um desastrado que me pisa os s com suas botas de sete leguas. Ah! vem elle. he, dr. Malheiros, eu lhe prometti esta valsa, is agora não quero mais, resolvi dançar com Dr. Miguel Fernandes.

—Paciencia, collega, idéas de moça caprichosa! lisse a meia voz Fernandes ao par recambiado. Offerecendo o braço á terrivel crianca, o jo- n medico propoz:

—Não prefere passear? poderemos assim con- sar um pouco, gosto mais da palestra que dançar, e a Sra.?

—Eu não... não ha nada como a dança... Em- passeemos para variar, já valsei muito hoje. sei que o dr. estivesse de mal commigo, iva tão serio, verdadeira physionomia de cer- to de obito, e não me tinha ainda tirado a nenhuma contradansa!

—E' que eu estava devêras zangado, ou antes gnado contra a sua absurda e imperdoavel orura da calda!

Ah! ah! então não achou engraçada a lem- ça?

Não, senhora!—respondeu o medico, com severidade na voz que a moça parou inconti- / de rir.

Não lhe achei a menor graça—continuou o im- avel censor—e até confesso que por uns ins- s desejei que a Sra. fosse minha filha e ti- menos uns dez annos para que eu lhe pu- e puxar as orelhas e sacudil-as a meu gosto! menina retirou bruscamente o braço, e levan- o os olhos em que brilhavam umas lagri- disse sentida:

Meus paes nunca me bateram, nem de leve!

Pois foi pena!

O Sr. é...

Para fazer da «Penna, Agulha e Colher» um jornal illustrado

(Relação de donativos)

L. R. C. (Julio Castilhos—R. G. do Sul)	3\$000
Quantia já publicada	106\$000

Somma até 21—III	109\$000
------------------	----------

—Franco?—inquiriu o medico.

—Não: é grosseiro e brutal!

—Desculpe, é que me revoltou a sua brincadeira de máu gosto. A Sra. humilhou um amigo de seu pae, infringiu as regras da mais comesinha hospitalidade... Não sabe que em Minas é costume, finda a festa, repartir a dona da casa os dôces com os convidados que têm filhos pequenos? Esse dr. C*** conservou os habitos singelos de sua provincia, que mal ha nisso?

A moça continuou a andar ao lado do medico, cabisbaixa e pensativa; por fim murmurou num suspiro:

—Tem razão, dr., foi mal feito.

Logo depois se lhe revoltou o espirito orgulhoso: Com que direito, pensou ella, ralha-me o dr. Fernandes? E' demais!

Contrariada, a moça estava á espera do primeiro ensejo para explodir de raiva.

—Gosta de lêr?—perguntou Miguel Feraandes para mudar de assumpto.

—Muito—respondeu Evelina seccamente.

—Que livros prefere?

—Não é de sua conta, e não tenho que lhe dar satisfação de meus actos, occupe-se de sua vida e não me amole!

Evelina falou lutando com os soluços e com as lagrimas; seus pésinhos delicados batiam nervosamente no chão. Fernandes ouviu tudo com calma; considerava elle Evelina uma crianca mal creada e não se zangava com seus repentes. Conhecia a familia Almeida de longa data, mas ultimamente, attrahido pela sympathia que votava á moça, frequentava muito mais a casa.